

In memoriam

BRUNO DE ARAÚJO CABRAL

intransitiva
• revista

HERANÇAS QUE RECEBEMOS, LEGADOS QUE DEIXAMOS (V. 5, N. 2, 2021)

In memoriam

Bruno de Araújo Cabral

Todo mundo carrega um cemitério na alma.

Essas palavras o perseguiriam pelo resto da vida como o rastro de fumaça de um cigarro aceso. Ele as ouvira do pai tantas vezes que aos dez anos já era capaz de recitá-las de cor, embora ainda não compreendesse totalmente seu significado.

Não que isso fosse culpa dele. Talvez só não entendesse como era possível carregar um cemitério na alma porque o único cemitério que conhecia era aquele a que chamava de casa, ainda que sua casa, a casa de verdade, ficasse mesmo era nos fundos da propriedade. Só que não era no quartinho minúsculo, na cozinha abarrotada nem no descampado atrás do muquiço que o menino passava suas tardes, mas entre as lápides e os mausoléus, as pequenas estátuas e as cruzes que o abençoavam e o amedrontavam a um só tempo. Antes mesmo de saber o que era a morte, já a tinha visto mais de perto do que qualquer criança de sua idade.

O pai queria o filho na escola — “para saber ler e escrever direito”, dizia, e a mãe concordava, embora eles mesmos lessem pouco e escrevessem menos ainda —, porém, o garoto gostava era de vê-lo trabalhar, fosse preparando a terra para receber as grandes caixas de madeira que chegavam ali quase toda semana ou limpando o mato que crescia desenfreado pelo terreno.

Também havia o caderno, é claro — um pequeno caderno de capa preta onde o pai anotava nomes e datas. Os nomes o menino imaginava que fossem dos donos das caixas que o pai enterrava (às vezes com a ajuda de alguém, às vezes sozinho, fizesse chuva ou fizesse sol). Sobre as datas já não tinha certeza.

Mas eram os caixotes lacrados que mais fascinavam sua imaginação infantil — por que faziam tanta gente chorar, afinal? O que as pessoas guardavam lá dentro de tão precioso e por que ficavam tão tristes ao se desfazer desses bens?

Ele se fez essas perguntas repetidas vezes, incapaz de encontrar as respostas sozinho e sem ousar falar com os pais a respeito do assunto.

... Até que sua mãe também foi colocada em uma dessas caixas e o nome dela foi parar no caderno preto, junto com uma data que ele jamais esqueceria. Então foi a sua vez de chorar.

Nos anos que se seguiram, sentiu a ausência da mãe junto com o cheiro do café que o pai preparava todas as manhãs — muito diferente daquele que ela costumava fazer — e que enchia a casa com um perfume de saudade difícil de ignorar.

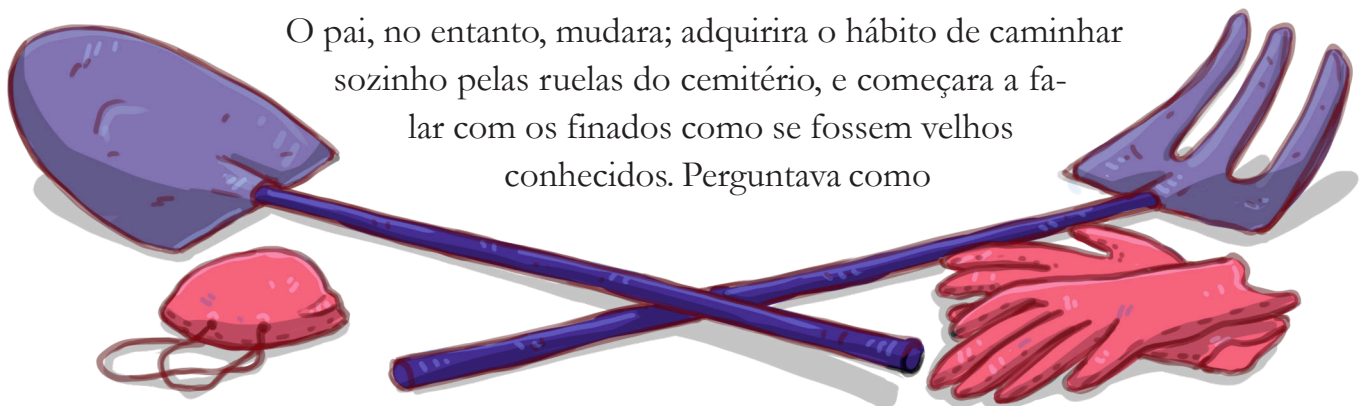
Resolvido o mistério das caixas, porém, o menino tentou se ocupar de outros enigmas, e foi aí que se meteu a enfrentar as letras e os números. Deixou de faltar à escola e passou a se esforçar para não ficar atrás dos colegas, fosse na leitura, na escrita ou no cálculo. Não conseguia se impedir de pensar que isso poderia de algum modo deixar a mãe orgulhosa afinal.

O pai também se orgulhava e chegava mesmo a encorajá-lo, porém, não deixava de lembrar ao filho que seu futuro era levar adiante aquele mesmo ofício, e não era com letras e números que se faziam covas. “Um dia eu não vou mais estar aqui, e você vai precisar se virar sem mim”, dizia.

O menino se contentava em fazer o que lhe mandavam: logo que voltava da escola se dispunha a limpar o mato ou a preparar o terreno para a entrada de mais um morador (era como o pai chamava os defuntos). Só não chegava perto do caderno. Desse não queria saber de jeito nenhum.

Foram-se os meses, depois os anos, e nada mudou o suficiente para que se notasse. Naquela cidade esquecida pelo mundo, morria-se pouco e nascia-se menos. Quem podia ir embora dali, ia. Quem não podia, ficava. E para esses havia um lugar reservado entre aqueles muros.

O pai, no entanto, mudara; adquirira o hábito de caminhar sozinho pelas ruelas do cemitério, e começara a falar com os finados como se fossem velhos conhecidos. Perguntava como



andavam as coisas do outro lado do mistério, e seu silêncio subsequente dava a impressão de que alguém realmente lhe respondia.

Também era em silêncio que ele observava as letras simples na lápide da esposa. Com ela não trocava tais amenidades. Mas, se nenhum dos moradores daquela terra podia se queixar de falta de cuidado com seu respectivo local de descanso, era perceptível para o observador atento — como era o filho — que a sepultura da mulher recebia uma atenção especial. Não se passava uma manhã sem que a grama em volta dela fosse aparada, e as flores, que repousavam sobre o jazigo, eram as mais belas que se davam a ver ali.

Entretanto, a idade não trouxe ao pai somente as manias recém-descobertas. Junto destas, despontavam os primeiros sinais de cansaço. Vez ou outra respirava com dificuldade, e, não raramente, precisava interromper o trabalho por alguns minutos para recuperar o fôlego. Nesses momentos, o filho tinha a impressão de ouvir o eco de sua voz grave ressoar num canto qualquer da memória, repetindo o aviso que tanto o assombrara na infância perdida: “Um dia eu não vou mais estar aqui”. E ele sentia o medo lhe apertar a garganta.

“O senhor está cansado, meu pai”, dizia simplesmente. “Vá pra casa.”

“Já tô em casa”, o pai respondia, indicando a fileira de lápides a seu lado, e continuava a cavar, perdido em pensamentos.

A tosse veio semanas depois, junto com a febre.

No fim, foi enterrado junto à esposa, como era seu desejo, no túmulo de que cuidava com tanto esmero.

Não escreveu testamentos. Não era preciso. Os únicos bens que possuía em vida haviam sido a casa, as ferramentas de seu ofício e o caderno preto com os nomes daqueles que ajudara a devolver ao pó de onde tinham vindo. E isso foi tudo o que deixou para o filho quando ele mesmo retornou ao pó.

E assim o cheiro de café que tomava a casa durante as manhãs passou a significar também a ausência do pai.

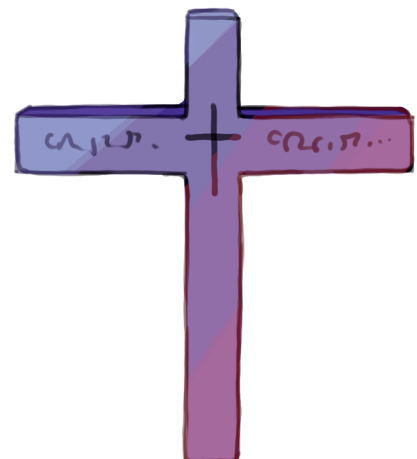
O prefeito apareceu no dia do velório — uma cerimônia discreta — com um sorriso lustroso. Fez um breve discurso enaltecendo a figura que, a seu

ver, era nada menos do que um pilar da comunidade local. Relembrou as gerações e gerações de cidadãos que haviam sido encaminhadas por suas mãos ao destino final e afirmou, por fim, que, sem dúvida, o primogênito do nobre homem daria continuidade àquele igualmente nobre ofício.

Ainda nesse tom empolado, avisou que contratara dois ajudantes para que o novo coveiro não ficasse sobrecarregado, apresentou os assistentes com as amabilidades habituais e acrescentou que mandaria alguém para atualizar os registros do cemitério. O filho recém-órfão agradeceu em poucas palavras, e o prefeito se foi.

A bem da verdade, estava realmente agradecido. Os ajudantes assumiram a maior parte do trabalho, e, ainda que ninguém tivesse ido tomar conta dos registros conforme o prometido, ele ficou livre para zelar unicamente pela sepultura dos pais e explorar as páginas do caderno que contava nas entrelinhas a história semiesquecida daquela necrópole.

Nessas ocasiões, deixava a mente se ocupar das dezenas de nomes que encontrava, tentando imaginar que tipo de vida cada uma daquelas pessoas teria levado ou se teriam carregado algum arrependimento consigo em sua última viagem. Chorava escondido ao tatear o nome da mãe, escrito na caligrafia irregular do pai, e o nome



do pai, escrito em sua própria caligrafia, que os anos de escola haviam tornado mais bem-acabada.

Todo mundo carrega um cemitério na alma... Aos poucos, começava a entender melhor o que aquilo queria dizer. Era esse o seu destino, então?, perguntou-se. Estaria fadado a possuir uma coleção de lápides no fundo da alma? Primeiro a mãe, depois o pai... Pensava com amargura que a terra que nos nutre é a mesma que um dia nos devora, e se fechava assim em seu luto hermético, distante do resto do mundo.

Mas aquela aparente liberdade não durou mais que um mês.

Num abril particularmente frio, o número de mortes na cidade duplicou de uma semana para a outra. Parecia se tratar de uma doença desconhecida, ou pelo menos era isso o que se comentava a meia voz nos funerais. No cemitério, a mudança não demorou a se fazer notar: os ajudantes passaram a ter o dobro de serviço e, mais de uma vez, foi necessário cavar noite adentro para suprir a demanda.

Logo descobriram que a tal doença obrigava a esconder o rosto, e eles também começaram a trabalhar com os rostos cobertos. Não era fácil, principalmente quando precisavam revolver a terra sob o sol do meio-dia, mas preferiam não arriscar.

O novo coveiro, por sua vez, permanecia imperturbável: a única diferença que admitira em sua rotina fora a máscara que usava agora ao sair de casa – e que, se lhe perguntassem, era mais um incômodo do que uma prevenção. Em sua ignorância, achava que a doença misteriosa era somente um episódio, não um prelúdio.

Para sua surpresa, porém, ela não deu trégua. A cada semana havia mais corpos para enterrar, mais túmulos para providenciar, mais familiares e amigos desolados para consolar, até que, após alguns meses, já não sobrava mais espaço para tantas covas.

De repente, tudo pareceu pequeno demais: o hospital, o necrotério, a funerária e o próprio emaranhado de veias abertas que era a cidade, sangrando em silêncio atrás de suas portas fechadas.

Os assistentes reclamaram. Não podiam continuar daquele jeito, labutando sozinhos, sem descanso, com pás enferrujadas, com a dor nos braços e nas costas se renovando a cada dia, sem qualquer perspectiva de uma solução...

Então veio o prefeito, o sorriso oculto por uma máscara branca, e disse que estava fazendo o possível — nada — para resolver a situação — caótica. O problema era que os municípios vizinhos não podiam ajudar, pois também estavam sobrecarregados, mas ele já estava cuidando de tudo, e não sabiam que podiam confiar nele?, e assim por diante.

Quando foi embora, os ajudantes, que havia tão gentilmente contratado, não demoraram a seguir seus passos. Simplesmente não podiam mais continuar ali, declararam, e saíram sem avisar se voltariam no dia seguinte ou não.

Uma vez mais, o jovem coveiro se viu só em meio àquele jardim de anjos e cruzeiros, lápides e mausoléus, mármore, pedra e terra que aprendera a chamar de casa, e sentiu todo o peso do ofício que lhe fora legado despencar sobre seus ombros. Todo mundo carrega um cemitério na alma, dizia o pai. Este era o seu. Metafórico e literal a um só tempo.

Foi então que o carro da funerária estacionou diante do portão, interrompendo seus pensamentos. Mais três pela manhã, vieram avisar. Voltariam no final da tarde com os cadáveres. Ele nem sequer respondeu. Não conseguia. Registrou apenas parcialmente a informação e assentiu por reflexo.

Quando o carro sumiu, deixando uma nuvem de poeira atrás de si, se deu conta do erro que havia cometido.

A inércia foi lentamente substituída pelo desespero. Não, isso não. Não agora. Será que...? Não podia ser. Percorreu como uma sombra as ruas da necrópole em busca de uma resposta que rezava para não encontrar. Aonde quer que seus passos o levassem, porém, seu receio se confirmava.

Não havia mais espaço ali. Pela primeira vez em sabe-se lá quantos anos, estavam totalmente lotados.

Ele se curvou para a frente, a cabeça entre as mãos, e tentou acalmar a respiração descontrolada. Percebeu com amargura que estava cercado de gente por todos os lados e, ao mesmo tempo, completamente abandonado.

Não tinha a quem recorrer, ninguém para lhe dizer o que fazer, e o medo que lhe apertava a garganta só crescia minuto a minuto...

Quis o pai ali consigo, a voz firme cheia de certeza lhe apontando uma direção que ele não era capaz de ver sozinho, mas o pai era somente nome e lembrança, e o filho precisava de mais do que isso naquele momento. Pediu-lhe então que ele enviasse um sinal de onde estivesse, o que quer que fosse.

Foi quando seu olhar perdido encontrou as pás meio cobertas de ferrugem que os ajudantes haviam deixado para trás ao partir. Ergueu a vista ao céu, como que esperando que alguém respondesse a uma pergunta que não chegara a pronunciar, e sentiu as primeiras gotas de chuva lhe baterem no rosto como um presságio. Então soube o que devia fazer.

Quem passasse por ali àquela hora da tarde veria o cemitério inteiramente vazio, e poderia pensar que, afinal de contas, não estavam em meio a um caos tão grande quanto o que era alardeado nos jornais. Quem visse o pequeno cortejo fúnebre que se dirigia ao portão do cemitério poderia pensar que a morte de alguém era um quadro triste, porém, mais triste ainda era não ter tantas pessoas para lamentá-la, e acharia — em seu engano — que o tamanho reduzido de tal cortejo se devia a uma falta de simpatia pelo falecido.

Os familiares que compunham o cortejo, no entanto, pensavam somente no quão estranho era não haver ninguém ali para recebê-los ao alcançarem a entrada do lugar. Onde estavam os coveiros? Não tinham sido avisados mais cedo? E o que fariam sem eles?

Os assistentes da funerária tentaram apaziguar os ânimos. Atravessaram o terreno em direção à casinha nos fundos, mas encontraram apenas portas e janelas trancadas. Se entreolharam em dúvida, desnorteados, até que ouviram um ruído atrás do muquiço e resolveram conferir do que se tratava.

Sob o céu nublado, um homem cavava um buraco na terra batida. Ao seu lado, duas valas já abertas sulcavam o solo. Do homem mesmo só se via a cabeça — estava quase de corpo inteiro dentro da cova — e a máscara que cobria seu rosto, tingida de cobre pelo barro que o rodeava.

Os mortos não se enterram sozinhos, o pai teria dito. E era verdade.

Um mês depois, concluíram a construção da ala anexa do cemitério, que receberia seu nome. Na breve inauguração, o prefeito fez um discurso, afetado como de hábito, homenageando o novo coveiro por sua nobre atitude ao dar o pontapé inicial da tão necessária ampliação do lugar — uma inspiração para todos em meio a tempos tão difíceis —, e assim por diante...

Não fosse o fantasma da doença misteriosa ainda à espreita, o jovem teria que retribuir os vários apertos de mão dos desconhecidos que apareceram para prestigiá-lo. Disso, pelo menos, estava livre, embora esses pequenos rituais fossem um preço insignificante a pagar por um mundo em que não se morresse tanto a ponto de uma reforma como aquela ser tão urgente.

Em seu íntimo, porém, ele não dispensava grande importância aos elogios exagerados que recebia. Se alguém lhe perguntasse, diria que simplesmente cumprira o seu dever, nada mais do que isso.

A recompensa mais valiosa que poderia receber, já possuía — finalmente compreendera as palavras do pai.

Todo mundo carrega um cemitério na alma...

Mas ele não estava disposto a carregar um cemitério nas costas.

Sobre o autor

Bruno de Araújo Cabral é licenciando em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Entre outras razões, escolheu o curso porque gostava de ler, mas, de vez em quando, também tenta escrever o tipo de história que, enquanto leitor, gostaria de consumir.